

UNIVERSIDADE E TEOLOGIA

*Eduardo da Silva Santos**

Resumo

O lugar ocupado pela teologia dentro de uma Universidade tem sido amplamente discutido nos últimos anos. Este trabalho é uma contribuição para esta discussão orientado pela afirmação do grande humanista inglês do século XIX, John Henry Newman: a exclusão da teologia contraria o caráter da universidade como instituição científica.

Palavras-chave: Teologia na Universidade; John Henry Newman.

Abstract

Many discussions were made about the theology and its place in a university. This paper aims to be a contribution for this matter, orientated by John Henry Newman. Excluding the theology from the university we take away its scientific character.

Key words: *Theology in the University; John Henry Newmann.*

Uma questão que tem sido amplamente debatida na atualidade é o lugar da teologia, e até pensado de uma maneira mais ampla, da discussão religiosa, dentro da universidade. É comum depararmos com opiniões que propõem uma universidade pensada sob o ponto de vista técnico, na qual o tema religioso não teria mais espaço. Frente a essas opiniões cabe, em primeiro

* Prof. Dr. de Teologia da PUCRS.

lugar, perguntar-nos: o que realmente entendemos por universidade? O que faz com que uma instituição de ensino possa ostentar este nome?

Essa tarefa encontra nos dias de hoje uma grande urgência, especialmente porque não só mantemos este nome num grande número de instituições mas inclusive estamos dispostos a implantá-lo em novas fundações de ensino que se vão multiplicando.

O que realmente pretendemos, quando empregamos este título *universidade* nas nossas instituições de ensino?

1 Aspectos históricos da universidade

Dentro da nossa concepção moderna, as primeiras universidades surgiram na Europa medieval, durante o século XII¹, por volta do ano 1115. Essas instituições são o ponto de partida para o modelo de universidade que temos até hoje. Trata-se não apenas de instituições de ensino: a universidade medieval era também o local de pesquisa e produção do saber, era também o foco de vigorosos debates e muitas polêmicas. Isso fica claro pelas crises em que essas instituições estiveram envolvidas e pelas muitas intervenções que sofreram do poder real e eclesiástico.

Sem dúvida alguma, as universidades são um dos grandes orgulhos da Idade Média. A sua aparição marca uma data na história da civilização ocidental, uma etapa no caminho do pensamento humano. Todas elas tiveram, de modo geral, origem análoga e idêntica linha de desenvolvimento: nascidas à sombra das catedrais, bem cedo realizaram um grande esforço por auto-

¹ Numa definição mais abrangente, a Academia, fundada em 387 a.C. pelo filósofo grego Platão, no bosque de Academos, próximo a Atenas, pode ser entendida, e de fato o é por alguns estudiosos, como a primeira universidade, ao menos na sua idéia.

nomia, visavam fugir do controle episcopal e dos cabidos catedralícios, e assim avançar por conta própria para um conhecimento mais amplo, uma cultura mais sólida².

Exemplo típico de uma universidade medieval foi a Universidade de Paris. Foi fundada a partir da escola da catedral de Notre-Dame. Era comum haver escolas junto às catedrais na França na época. O bispo era quem nomeava os professores e controlava o ensino, por meio de seu Chanceler ou Secretário-Geral do Bispado. Quando o sempre crescente número de estudantes fez com que a escola de Notre-Dame se tornasse insuficiente para abrigá-los, os professores particulares foram autorizados a abrir escolas ao redor da catedral. Esses mestres, para defender seus interesses e suas idéias, se reuniram e se associaram formando a sua “corporação”, uma *Universitas*, um modo de união à semelhança dos modernos sindicatos.

Assim surgiu, por volta de 1120, a Universidade de Paris. Cada mestre, ou grupo de mestres, tinha sua própria escola; quando a corporação tinha que deliberar sobre algum assunto de interesse comum, eles em geral se reuniam em uma ou outra igreja. A organização dessas reuniões, bem como a representação dos mestres perante a Igreja e o governo, fizeram surgir o posto e a figura do Reitor. Os assuntos e as disciplinas e as necessidades práticas comuns a várias escolas terminaram por promover o agrupamento em escolas maiores, as faculdades.

No início do século XII, Abelardo (1079 – 1142), um dos grandes intelectuais da Idade Média, veio ensinar em Paris e sua fama atraiu milhares de estudantes para a universidade, vindos de todos os países do mundo cristão. As escolas se expandiram para a outra margem do rio Sena, no monte *Sainte Geneviève*, onde Abelardo ensinou. Lá se encontra ainda a famosa *rue du Fouarre*, no *quartier Latin*, onde os mestres da Faculdade das

² Cf. DANIEL-ROPS. *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993, p. 345.

Artes tinham suas escolas; mais adiante encontra-se a igreja de *Saint-Julien-le-Pauvre*, onde muitas vezes se reuniu a velha corporação ou “Universidade” dos professores. Com o apoio papal, a Universidade de Paris tornou-se o grande centro de conhecimento e do ensino da Europa medieval.

A grande característica das universidades, especialmente a de Paris, era o fato de serem freqüentadas por alunos vindos de diversos lugares e que ali podiam adquirir a *licentia ubique docendi*, a licença para lecionar em todas as universidades do mundo cristão³. É justamente nesse caráter universal, marcado por mestres e alunos de diversas procedências, que buscavam um conhecimento amplo da realidade e um fórum de debate abrangente, que encontramos uma boa descrição da universidade que, salvando-se sempre as peculiaridades de cada momento concreto, vivido através da sua história, esta instituição procurou salvarguardar como principal patrimônio.

2 Universidade e conhecimento científico

É lógico que as nossas universidades são bastante distintas das academias medievais, das quais herdamos o nome mas, por mais distintas que estas sejam daquelas, ambas realizam a mesma concepção fundamental que se manifesta sob o nome de *universitas*: uma instituição que, de um modo específico e singular, está relacionada com o mundo como um todo, que relacione a pessoa, pensada de maneira plena, com o mundo.

Para auxiliar nossa reflexão, é preciso pensarmos numa instituição que assegure a existência da pessoa e atenda às necessidades da vida. Nessas necessidades indiscutivelmente se incluem organizações de ensino especializado e técnico e instituições de instrução. Mas não podemos parar por aí. Precisamos de uma

³ Cf. ULLMANN, Reinhold. *A Universidade Medieval*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 115.

instituição de ensino superior em sentido amplo, uma instituição orientada para o ideal de construir um lugar de formação daquilo que é propriamente humano, que confronte a pessoa com o mundo onde vive. Tal instituição é o que chama-mos de universidade. O que faz com que a universidade seja universidade não é a ciência propriamente dita, mas a decidida orientação do pensamento para o *universum*, para a unidade do conjunto⁴.

Esta não é uma tese pacificamente aceita. Repetidas vezes, encontramos a defesa do ser da universidade fundamentado na pesquisa e no ensino e, através deles, abarcar a totalidade da realidade. Mas, não é justamente essa a função das diversas ciências particulares, cada uma com seu ângulo de visão próprio? E se esse é o processo científico, como podemos estabelecer a necessária articulação dos diversos conhecimentos e orientá-los para a unidade que torne a pessoa, no sentido mais amplo da palavra, mais bem relacionada com o mundo? Sem dúvida, a universidade tem sido, através dos séculos, o lugar onde essa unidade acontece, onde o saber se relaciona e se orienta para a unidade. E esse aspecto de abertura e de orientação à unidade é, sem dúvida, a grande característica da instituição de ensino que conhecemos como universidade, a tal ponto que, abdicar dessa função seria o mesmo que negar o seu caráter universal e então o título *universitas* perderia o seu sentido.

Para poder cumprir com essa grande missão, a universidade deve ter como uma de suas principais características o compromisso, constantemente renovado, de estar aberta. Não tem sido esta nota de abertura, de não fechar-se a nenhuma informação acessível, uma marca da universidade ao longo de sua história? Uma universidade sempre foi um lugar aberto, aberto a todo conhecimento, a toda informação disponível, não importando de onde ela venha.

⁴ Cf. PIEPER, J. *Offenheit für das Ganze – Die Chance der Universität*. Trad. Gilda N. M. de Barros e L. Jean Lauand, 1963.

Neste ponto surge um questionamento importante que não pode ser omitido: essa abertura a todo conhecimento não deve também incluir aquelas informações que não emanam diretamente da nossa experiência e investigação, mas de um âmbito sobrenatural, da tradição religiosa? Poderíamos considerar verdadeiramente científico um conhecimento que excluisse *a priori* qualquer informação possível sobre a realidade? Assim sendo, não pode uma universidade sem teologia ser universidade no sentido pleno, pois não estaria considerando a totalidade do mundo.

Esse questionamento não é novo. No século XIII o grande mestre da Escolástica, Tomás de Aquino, o propunha nos seguintes termos: Entendia existir um contraste entre o conhecimento científico – expressado por Tomás como conhecimento filosófico – cujo âmbito é a verdade acessível à razão, e a teologia, cujo âmbito é a verdade revelada⁵. Esse contraste aparece no *sed contra*, quando a reflexão irrompe no mundo do saber com uma referência à Sagrada Escritura. Apresentado dessa maneira, poderia parecer que Tomás de Aquino propõe uma oposição entre a filosofia e a teologia. Tal interpretação não seria correta. O mestre de Paris introduz a Escritura Sagrada para demonstrar que com ela surge um elemento novo e distinto do saber filosófico. É justamente nas Escrituras que brotará outro conhecimento, outra ciência, diferente do conhecimento filosófico mas igualmente importante para a compreensão do todo. A Escritura, divinamente inspirada, não pertence às ciências descobertas pela razão humana. “Portanto, é útil que, além das disciplinas filosóficas, haja outra ciência inspirada por Deus”⁶. Para Tomás, a distinção entre o campo filosófico e o teológico está

⁵ *Summa Theol.*, I, q. 1 a. 1.

⁶ “Scriptura autem divinitus inspirata non pertinet ad philosophicas disciplinas, quae sunt secundum rationem humanam inventae. Utile igitur est, praeter philosophicas disciplinas, esse aliam scientiam divinitus inspiratam” *ibid.*

fundamentado na distinção que existe entre razão e revelação. Entretanto, a existência de um conhecimento que ultrapasse o âmbito do entendimento é necessário para a ampla compreensão da realidade⁷.

Seguindo essa lógica, uma instituição que desprezasse a teologia como fonte de conhecimento mas considerasse o conhecimento de uma única ciência sem orientá-lo para o todo, articulando-o com as outras informações disponíveis, identificaria-se mais a um curso técnico do que a uma universidade.

3 Universidade e teologia

A tese da universidade como local, onde as diversas informações se unificam e se orientam para o todo, já era defendida por uma das maiores figuras do século XIX, o humanista inglês John Henry Newman. Ele afirmava que a exclusão da teologia contraria o caráter da universidade como instituição científica.

Entretanto, mesmo aceitando a tese de que a teologia tem um lugar próprio dentro da universidade, resta ainda um outro obstáculo. A grande dificuldade neste campo tem sido justamente a reta compreensão do papel que deve exercer a teologia dentro da universidade. Sem dúvida, aqui houve vários equívocos. Muitos desses equívocos andam na linha da teologia como um conhecimento paralelo ao da comunidade científica e, quando traduzido ao mundo acadêmico, é expresso em forma de catequese.

Qual seria então o papel da teologia dentro da universidade, qual lugar ela ocuparia? A teologia, indubitavelmente, tem que ser um elemento que contribua para a universalidade do saber, para que a dimensão de totalidade da realidade não seja

⁷ Cf. ROVIRA BELLOSO, J. M. *Introducción a la teología*. Madrid: BAC, 1996, p. 95.

esquecida. Para tal, a teologia, por sua parte, não pode ela mesma, constituir-se num conhecimento paralelo dentro da universidade, mas deve confrontar-se com a investigação científica. É esse confronto inevitável que possibilita à teologia assumir a sua própria tarefa teológica.

Parte da culpa da situação acima descrita cabe à própria teologia que nem sempre esteve disposta a enfrentar esse confronto com o mundo científico. É verdade também que a teologia ocidental tenha tido sempre grandes exemplos de que, para realizar sua missão de interpretar e transmitir a tradição sagrada, tenha que estar em constante diálogo com as demais ciências. No entanto, também houve exemplos de fechamento, de postular o saber teológico como um saber autônomo e desvinculado das demais fontes do conhecimento humano.

Para que esse confronto aconteça, não é suficiente que a teologia esteja representada na universidade com uma faculdade própria. Claro que a implantação institucional de uma faculdade de teologia é um processo indispensável. Entretanto, a teologia se caracteriza por não ser uma disciplina especializada, com uma única área de atuação claramente demarcada. É bem provável que o teólogo, enquanto exerce sua atividade própria, não tenha como objetivo originário exercer a teologia na sua “pureza metódica”, embora ele também precise fazer isto. A teologia não está limitada a um único campo teórico e justamente nisso é que consiste o seu significado para a vida da universidade.

4 Conclusão

Uma idéia amplamente defendida é a de que a “cooperação entre as ciências” é essencial para a vida da universidade. Sem dúvida, esta é uma tese consistente. Mas, não é também verdade que podemos perceber nas ciências justamente uma grande delimitação de um aspecto parcial da realidade? Assim sendo, como é possível às ciências essa cooperação, ao menos a partir

delas próprias? Aqui falta um elemento que possibilite esse diálogo de cooperação. Não seria a teologia um dos elos capazes de realizar esta cooperação? Parece-me que sim. A teologia tem o direito e o dever de contribuir para o aumento da compreensão que a pessoa humana tem de si mesma e do mundo.

A contribuição de teologia no mundo universitário é inestimável. Ela não tem a pretensão de ser a única fonte do conhecimento, mas postula o direito de contribuir com um dado que vai além da especulação racional. Esta contribuição da teologia, sem dúvida, pode ser um dos grandes elementos articuladores do saber que o orientem a uma unidade.

Por isso, a melhor maneira de terminar estas linhas é tomar emprestada a afirmação de Newman, já citada acima: A exclusão da teologia contraria o caráter da universidade como instituição científica.